

TRANSE, TRANSAS E TRAMAS NUM RITO DE INICIAÇÃO AFRO-BRASILEIRO

Micênio Carlos Lopes dos Santos

INTRODUÇÃO

As dificuldades econômicas que ora atravessamos, refletem-se não só na política econômica, como também em todos os fenômenos sociais.

Alternativas são criadas e impostas. Por exemplo: o governo brasileiro recorreu ao FMI, com a justificativa de "*solucionar*" o problema econômico nacional. Com isso, não estamos afirmando que a medida tomada pelo "*nosso governo*" tenha sido a mais justa e democrática. Tomamos o exemplo acima apenas como uma analogia na introdução de um exercício de avaliação no curso de Métodos e Técnicas de Pesquisas Antropológicas a nível de Pós-Graduação "*Latu-Sensu*" em Antropologia – Recursos Audiovisuais em Etnologia.

Para aferição do treinamento recebido ao longo do referido curso, apresentamos para discussão, um "*Survey*" sobre um sacerdote afro-brasileiro, da cidade de Salvador (BA), que se deslocou da sua cidade natal para Brasília (DF), em busca de uma nova alternativa de mercado de trabalho.

Inúmeras são as produções de títulos que cobrem toda a área da nossa religiosidade popular. No entanto, até mesmo teses de mestrado e doutorado ainda estão fundamentadas em uma preocupação pioneira de cristalizar os cultos afro-brasileiros, principalmente o Candomblé, sobretudo os cinco grandes e tradicionais terreiros do Brasil: Gantua, Alakétu, Casa Branca, Axé Opô, Afonjá e Bongun, de onde saíram, é claro, as mais representativas produções científicas.

Ora, não podemos nos esquecer de que ao lado desses cinco representativos terreiros de Candomblé, existem milhares e milhares de outros terreiros, inseridos em nossa sociedade. Não seriam esses milhares de terreiros, tão representativos, no contexto global, como são os cinco, por possuírem uma tradição his-

tórico-cultural?

Se considerarmos, como pressuposto, que o nosso treinamento antropológico seja para nos capacitar à compreensão de fenômenos sociais, podemos através da Antropologia e ciências afins tentar demonstrar:

- a) como as religiões afro-brasileiras influenciam e ajudam na sobrevivência crítica dos dias atuais;
- b) a formação do sacerdócio afro-brasileiro como uma alternativa profissional (população economicamente ativa da prática religiosa);
- c) as "obrigações e trabalhos" como uma fonte geradora de recursos;
- d) como os padrões de educação brasileira se relacionam e se posicionam com a cultura religiosa afro-brasileira;
- e) o "renascimento" pós-iniciação;
- f) como a comunidade externa às religiões afro-brasileiras respondem de maneira racista e preconceituosa, desacreditando até mesmo de sua existência cultural e sempre usufruindo das suas prestações de serviços.

Acreditamos que muitas outras alternativas poderão apresentar uma visão mais dinâmica e atual das religiões afro-brasileiras, inseridas no contexto da nossa sociedade.

ESTUDO DE CASO

O Sacerdote

L. R., Soteropolitano de nascimento e criação, popularmente conhecido como "Pai Léo", foi iniciado no Candomblé quando ainda criança. Hoje, com trinta e cinco anos de idade, é um conhecido sacerdote do culto aos orixás, pois reuniu ao longo de sua formação sacerdotal uma grande carga de conhecimentos sobre a prática religiosa a que se dedica.

Apreendeu a dançar, cantar e rezar em dialeto africano; conheceu todas as espécies de folhas e raízes como as suas respectivas funções e a quem e quando ofertá-las a hora e onde colhê-las, como prepará-las para os orixás e para os fiéis; a cuidar dos orixás, de suas vestes e suas comidas, de seus objetos; os toques, as cores, as miçangas; a cuidar de pessoas doentes e com insucessos; os animais que servem e como os preparar para os orixás e ebós,¹ bebidas e pembas,² os tipos de trabalhos,³ dos vivos e dos mortos, os jejuns e banhos; jogar búzios,⁴ etc.

Todo esse conhecimento lhe foi transmitido, oralmente, de forma lenta e proporcional à sua graduação iniciática, somada ao seu grau de interesse e à sua efetiva e ativa participação nos cultos.

Assim, "Pai Léo", depois de ter dado provas de seu notório saber sobre os ritos cerimoniais e já com sete anos na condição de neófito (época em que o iniciado ascende na hierarquia do culto aos orixás), a saudosa Samba de Amongo⁵ lhe outorga o cargo de Babalorixá — sacerdote encarregado de zelar pelo terreiro, pelos orixás e, sobretudo, iniciar novos e futuros filhos-de-santo, entre-

gando-lhe o Decá — término da iniciação, que basicamente consiste na autorização para que a pessoa possa abrir o seu próprio terreiro.

"Pai Léo", então, começou a sua peregrinação sacerdotal afro-brasileira. Já "raspou e pintou" ⁶ cento e trinta e quatro filhos(as)-de-santo, entre os estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e agora ele chega a Brasília, a capital também do misticismo.

Os motivos que o fizeram se deslocar até o Planalto Central serão discutidos mais adiante, na análise do caso.

A INICIANDA

Lia, 25 anos de idade, segunda filha, um grupo de seis, de uma mãe solteira, desde os 15 anos de idade, freqüentava um terreiro de Umbanda, juntamente com sua mãe e avó quando viva. As outras irmãs freqüentavam apenas na qualidade de assistentes. Lia era tratada pela avó de forma muito especial e carinhosa, mantendo o posto de neta predileta.

O grande sonho de sua avó era vê-la iniciada no candomblé. Porém, as condições financeiras de Lia e sua família não permitiam que tal sonho fosse realizado. Mesmo ainda, toda a família freqüentava um terreiro de Umbanda há mais de dez anos e não se sentia segura para se afastar desse terreiro e procurar um outro terreiro de Candomblé.

Com a morte da sua avó, Lia e toda a família mudaram-se para um barraco alugado no fundo da casa de Diva, que é comadre de sua mãe e Ekéde ⁷ de um Candomblé em Salvador.

Com a ida de Diva para Salvador, a fim de dar continuidade às suas obrigações ⁸ iniciáticas, Diva conhece "Pai Léo", de quem se torna muito amiga, e o convida para passear em Brasília, que era o que faltava para "Pai Léo" sair de Salvador e conhecer mais um novo mercado de trabalho. Assim, Lia e toda a sua família o conheceram e se tornaram amigos.

Com o estabelecimento da amizade entre Lia, sua família e Pai Léo, é rompida a vinculação com o terreiro de Umbanda e têm início, então, os conchavos para a sua iniciação.

As condições financeiras de Lia e toda a sua família jamais permitiram a sua entrada nos "caminhos para a comunicação com o astral", ou seja, a iniciação. Porém, como Pai Léo não teria nenhuma condição de arcar sozinho com tamanho compromisso, a saída foi convidar um "Pai-pequeno e uma "Mãe-pequena" ⁹ que pudessem, entre eles, dividir as despesas. Assim foi feito. O Pai-pequeno ficou responsável pela compra de todos os animais quadrúpedes e bípedes e todo o enxoval, tanto de Lia quanto do seu orixá. A cargo da mãe-pequena, ficou todo o *ajeum*. ¹⁰

Assim, Lia estava pronta para ser iniciada. Pai Léo, agora, decidiu alugar uma casa isolada, com mais espaço, e mandar vir de Salvador uma mãe-criadeira e um ogã, ¹¹ além de todo o material de fundamento, ¹² sendo que os primeiros integram a sua equipe de apoio e, o segundo, muitos não são encontrados em Brasília.

O calendário da obrigação foi então definido. Marcou-se o dia da bolada, ¹³ os dias dos ebós, o dia do bori, ¹⁴ o das "matanças" ¹⁵ e o do orunkó. ¹⁶

Com todas as datas marcadas, Pai Léo foi então consultar os búzios para ter confirmação do orixá a que Lia pertencia. Na umbanda que ela freqüentava, dizia-se sem muita certeza ser filha de Oxum "*quem nasce filha de Oxum é mulher pra querer bem, é dona das águas doces, é doce que a água tem*". ¹⁷ Mas os búzios de Pai Léo não confirmaram Oxum, a muito feminina e graciosa Orixá das águas doces, mas sim Obaluaê — "*aquele todo coberto de palha, que, quando fala, fala pouco, e, quando anda, anda pouco*". Lia se conscientizou definitivamente que era mesmo filha de Obaluaê e Oxum, o orixá secundário no seu ori. ¹⁸

E no dia 02 de abril de 1983, Lia bola e é recolhida para o ronco, ¹⁹ ficando reclusa vinte e um dias. Esses dias são seguidos de ensinamentos básicos dos ritos cerimoniais e de um código de comportamento durante os rituais.

Veio, então, o esperado dia da grande festa do orunkó. A sala da casa de Pai-Léo foi verdadeiramente adaptada, como um barracão de candomblé, ²⁰ com uma leve decoração de muito bom gosto, e, às vinte horas de um sábado, aquele barracão foi pequeno, mas acolheu todos que ali foram para assistirem à saída de Obaluaê, na fé de livrarem-se da peste e da fome, pois é ele que divide as doenças pelo mundo.

A festa foi um verdadeiro ato conspícuo. Todas as quatro saídas do Obaluaê de Lia, do ronco até o barracão, foram delirantes. A primeira, epilado e com uma pintura corporal toda em branco, inclusive a roupa, rendendo homenagem a Oxalá — às suas águas, a toda sua luz, paz e brancura. A segunda, pintado de todas as cores — são sete cores, são sete luzes, que não se sabe se são cores ou se são cores a sua luz. A terceira, sem pintura, mas trazendo plumas de pombo branco sobre o seu ori, como um lírio desabrochando. A quarta, com a sua vestimenta sagrada, todo coberto de palha da costa, ²¹ não para esconder suas doenças epidêmicas, que ele pode impingir, mas sim para ocultar o mistério da gênese e, nas mãos, um lindo xaxará — sua vassoura sagrada que limpa e varre as doenças e também as impurezas e os males sobrenaturais. ²²

Assim, Obaluaê veio e disse seu nome, dançou e, embaixo de uma torrencial chuva de pipocas — uma de suas comidas preferidas — voltou para o rankó ao som de Atotô! — sua saudação, pois é ele o orixá mais temido e, conseqüentemente, o que inspira mais respeito.

Terminou o xiré ²³ e uma farta distribuição da culinária africana teve início, regada a muita cerveja.

Mas a obrigação de Lia não termina aqui. Ela ainda continuou reclusa e no dia seguinte foi realizada a "*mesa-fria*" e o "*apanã*". ²⁴

O rito de passagem de Lia, como o de qualquer outra iniciada, só é concluído após três meses, com a retirada do Kelé (um colar de miçangas, geralmente com vinte e um fios, colocado no pescoço do iniciado, na forma de uma gargantilha, popularmente conhecido como "*gravata do orixá*", significando a sujeição absoluta do iniciado ao seu Orixá e obediência total ao sacerdote ou sarcedotiza que o iniciou, como também a outros indivíduos, obedecendo a uma hierarquização iniciática).

A INICIADA

Durante todo o ritual da mesa-fria, Lia chorava intensamente, o que causou uma profunda indagação para nós que a observávamos. Primeiro, porque, num ritual de mesa-fria, o prato principal é a alegria contagiante de todos os erês²⁵ presentes, que é um verdadeiro ritual lúdico, por assim dizer. Eles brincam, cantam, jogam, etc. O ritual terminou e não houve tratamento jocoso que fizesse as lágrimas de Lia cessarem, mesmo porque alegria também faz chorar.

No ritual da mesa-fria, o grande destaque são os erês; no entanto a neófito, a nenhum momento, foi possuída pela sua "*criança sagrada*", pois é regra geral que toda inicianda ou iaô, possua seu erê, que corresponde ao sexo e ao mesmo "*caráter divino*" do orixá. Desde o momento pós "*bolada*" até o relaxamento da clausura, o erê possui a iaô, ficando, às vezes, o máximo dos vinte e um dias de reclusão. O erê é, pois, o intermediário entre o orixá e a iaô, auxiliando em todo o aprendizado iniciático.

Terminada a cláusula de Lia, observamos que, sempre após o transe, ela era possuída por uma crise de choro. E isso aconteceu várias vezes.

Refletimos muito sobre as características do orixá de Lia — Obaluaê: aquele que mata e come. Eis a divisa do deus da varíola e da febre, Sakpatá, no Daomé, e Xapanã, na Nigéria. Os gezes chamam-no Aynion (o rei da terra), e os iorubas, Omulu (Omo Olu: filho do senhor) ou, então, Obaluaê (Oba Olu Aiê: rei dos senhores da terra, rei dos espíritos²⁶). Sua matéria de origem é terra, e, como tal, ele é o resultado de um processo interior; seu significado profundo está associado com o preto, com o segredo contido no interior do "*ventre fecundado*" e com os espíritos) contidos na terra que são seus irmãos e dos que ele é o símbolo.²⁷

No entanto, o potencial mítico de Obaluaê não nos forneceu nenhum dado que justificasse as lágrimas de sua filha. Por outro lado, nos possibilitou um corolário psicológico da personalidade de Lia com a identidade de Obaluaê.

O tipo Obaluaê é pesado e freqüentemente leva as marcas de alguma doença; é um indivíduo místico, desajeitado. Não sabe comportar-se em sociedade, falta-lhe tato, bom gosto. Reprimido, frustrado, torna-se amargo e vingativo. Falta-lhe espontaneidade; é um tipo lento, que amadurece durante muito tempo os seus projetos; é um indivíduo conservador, ao qual faltam agilidade e capacidade de adaptação. Alguns são resignados, humildes; optam por uma vida de renúncia, pobreza e mortificação. Seu relacionamento social é difícil; é agressivo e até cruel e perigoso.²⁸

Lia possui muitas ou quase todas das características do tipo Obaluaê, mas todos estes dados não foram necessários para que entendêssemos a razão de suas lágrimas.

Nossa observação continuou e o choro de Lia, após o transe, também. Indagamos Pai Léo sobre o que acontecia com ela, e ele nos respondeu que não havia nenhuma irregularidade no que dizia respeito ao seu rito de passagem. Perguntamos, também, por que ela não incorporava com erê, e ele, objetivamente e com muita segurança nos respondeu que o orixá de Lia sentia tantos ciúmes e

era tão velho que impedia que ela entrasse em transe com qualquer outra divindade e que o próprio orixá tinha dito a ele que assumiria tudo que fosse de competência do erê.

Do ponto de vista da unidade do transe místico, a resposta do Pai-de-Santo é contraditória e muito rica em detalhes, sobretudo quando se trata de grupos de indivíduos passivos de transe, pois a unidade é caracterizada e estabelecida pela regra de que todos esses indivíduos são possuídos pelo seu próprio orixá e obrigatoriamente pelo erê.

Duas semanas após a primeira etapa do ciclo iniciático de Lia, fomos todos participar de uma festa no Terreiro do seu Pai-Pequeno, e era o dia do Orunkó de um outro Obaluaê. Oportuno lembrar que o que afirma Sena, 29 *"várias pessoas podem pertencer a um mesmo orixá, mesmo assim os santos delas serão diferentes ao vir à luz do ronkó — tão distintos quanto as cabeças consagradas dos filhos"*.

Neste dia, Lia chorou como nunca e como sempre após o transe. E nós, preocupados e, mais ainda, curiosos com a sua condição, não resistimos e, com muito carinho, dissemos-lhe:

"Lia, o seu Pai-de-Santo te adora. Ele tem um carinho muito especial por você. Você é a "filha" caçula dele e ele se orgulha muito disso. Por que você não o procura, diz o que você sente, depois que o seu santo vai embora? Abra-se com ele! Ele é a única pessoa que pode te ajudar. Converse com ele, eu tenho certeza que ele fará alguma coisa por você. O que não é justo é você ficar sempre chorando, logo depois que seu santo vai embora".

E ela, soluçando, respondeu:

"Amanhã eu acabo com isso. Eu não agüento mais! Eu prometo, meu Deus, que amanhã eu digo tudo!"

Eu abracei Lia e saí.

No dia seguinte, ela mandou dizer a sua mãe que queria muito falar com ela. E como sua mãe trabalha, lavando roupas o dia inteiro, só pode ir até o terreiro à noite.

Era uma noite em que havia, reunidos, muitos clientes e amigos de Pai-Léo e uma carga de tensão sobrecarregava o ambiente, pois durante todo o dia Lia passou conjeturando com suas irmãs-de-santo, que levaram até os ouvidos do Pai-de-Santo comentários frívolos, que geraram um clima de muita hostilidade e tensão.

Lia, com muita circunspeção, inicia indiretamente uma sutil provocação. Logo percebida por Pai-Léo, que, repentinamente, se mostra totalmente insatisfeito com a sua filha-de-santo caçula. E manda chamar o seu Pai-Pequeno e a Mãe-Pequena para testemunharem que ela, com apenas duas semanas de *"feita"*, já não reconhecia os esforços e os gastos tidos para a sua iniciação (segundo próprias palavras do Pai-de-Santo). E até a chegada dos últimos, Pai-Léo centralizava a discussão, num tom de muita agressividade.

Finalmente, eles chegaram e Pai-Léo, imediatamente, os colocou a par daquela convocação e, em seguida, Lia assumiu a palavra, revelando a todos ali

presentes que tudo a que ela havia se submetido, ou seja, a sua iniciação, foi uma farsa, revelando ainda, que, jamais, a momento algum, teria entrado em transe e que nem "arrepios" ela sentia. Foi um momento tão estarrecedor que fez com que Pai-Léo entrasse em transe, incorporando o seu orixá secundário: uma qualidade de Ogum Xoroquê, um potente desbravador de batalhas, e nada mais oportuno do que ele aparecer em cena para solucionar, como também para assegurar e manter, a integridade sacerdotal do Pai-de-Santo, e também para isentá-lo de toda e qualquer decisão que seria tomada.

Estava, então formado um tribunal, presidido por Ogum. E Lia, por injunção, mas sem nenhuma adscrição, iniciou o seu árduo e contundente depoimento, que transcrevemos a seguir.

"Desde quando eu entrei pro ronkó, eu chamei meu Pai e disse pra ele que eu não sentia e num recebia nada. Ele me disse que, no início, era assim mesmo e que depois ele dava um jeito. E quando tava perto da minha saída, eu tornei a falar com ele e ele me disse que agora não tinha mais jeito, eu tinha que "sair" de qualquer maneira. E até o nome do santo, meu Pai, na véspera da festa, entrou no ronkó com um pedaço de papel na mão e disse pra eu decorar o nome que tava escrito no papel, que era o nome que meu santo tinha que dá no Barracão. Ele mandou até que eu mudasse a voz na hora de dizer o nome".

Segundo Lia, ela foi coagida e ameaçada a permanecer reclusa, para ser iniciada, e que este fato seria um grande segredo entre ela, ele e outra filha-de-santo, que compactuava de todas as decisões por ele tomadas.

A hipótese das ameaças e coações podem ser vistas por dois grandes e importantes aspectos: primeiro, era patente a vontade e o interesse do Pai-de-Santo em mostrar a toda a comunidade brasiliense que ele era um sacerdote baiano e que saberia iniciar qualquer orixá, como ninguém. Tornando-se, assim, conhecido e muito procurado, pois um ritual de iniciação é uma fértil fonte geradora de recursos, que possibilita uma grande ascensão social ao sacerdote. Segundo, ele jamais abriria mão de seu interesse, uma vez que ele não se importava com a integridade de sua consciência mística (talvez, inconscientemente). Sua vinda para Brasília não fora em busca de reconhecimento místico sacerdotal, mas sim, por uma grande necessidade econômico-financeira, através do misticismo sacerdotal.

Ogum, depois de ouvir tudo, não deixou por menos: voou até o pescoço de Lia a arrancou brutalmente o seu Kelé, expulsando Lia e sua mãe do seu Terreiro.

Durante toda esta cena, todas as pessoas presentes permaneceram em estado de mutismo, algumas chorando. Apenas Ogum falava e praguejava sua filha e grande amiga.

Tempos depois, Ogum foi embora e, em seguida, foi feito um relato de todo o ocorrido para Pai-Léo, que, surpreso, teve uma forte queda de pressão e foi levado a um pronto-socorro de emergência. Foi medicado e diagnosticado como não sendo nada grave.

Este dia trágico teve seu fim já com o amanhecer de um novo dia. Um novo dia só de esperanças, porque, logo nas primeiras horas matutinas, chega a

notícia, no Terreiro, que Lia, seus familiares e alguns amigos do Terreiro de onde havia saído se reuniram e decidiram levar o caso à polícia e a toda a imprensa local, como denúncia de todas as ameaças feitas por Ogum. Esta notícia frenesiu Pai-Léo, que se acalmou depois da certeza de que nada seria levado a nenhuma delegacia, jornal, rádio e nem a nenhum outro meio oficial de comunicação e/ou repressão, sendo levado apenas ao conhecimento de toda a comunidade religiosa Afro-Brasiliense.

Todos que freqüentavam o Terreiro de Pai-Léo, tanto na qualidade de clientes como na de filhos(as)-de-santo, se afastaram, e como diz Lévi-Strauss.

"um indivíduo, consciente de ser objeto de um maléfico, é intimamente persuadido, pelas mais solenes tradições de seu grupo, de que está condenado; parentes e amigos partilham desta certeza. Desde então, a comunidade se retrai: afasta-se do maldito, conduz-se a seu respeito como se fosse não apenas já morto, mas fonte de perigo para seu círculo; em cada ocasião e por todas as suas condutas, o corpo social sugere a morte à infeliz vítima, que não pretende mais escapar àquilo que ela considera como seu destino irrelutável".

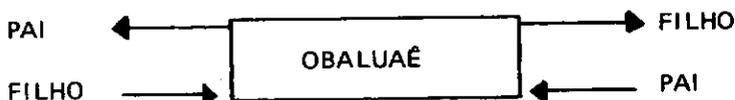
(Strauss, 193).

Lia atribuiu todo este acontecimento prodigioso ao seu Pai-de-Santo. Ela, como todos os coadjuvantes, é consciente de que foi vítima de um maléfico "incorrigível", praticado por Pai-Léo, conscientemente, onde o ônus maior seria arcado por Lia. Isso contrariava a justificativa de Pai-Léo, que afirmara a nenhum momento ter suspeitado da veracidade do transe de sua filha-de-santo, por dois grandes motivos:

— primeiro, ela era dissidente de um Terreiro de Umbanda, onde já habitualmente incorporava algumas entidades espirituais;

— segundo, o orixá de Lia era da mesma qualidade do de seu Pai-de-Santo.

Da primeira justificativa, não vamos tecer maiores comentários, por não ser o cerne da nossa discussão, embora esteja intimamente relacionada. Já a segunda implica a crença do Pai-de-Santo com o seu próprio Orixá, o que reforça misticamente o relacionamento das dualidades entre Pai-de-Santo/Filho-de-Santo e Orixá-Pai/Orixá-Filho. Em caso como este, em que o Pai-de-Santo é filho do mesmo Orixá que o seu Filho-de-Santo, conseqüentemente, o Pai-de-Santo, como no nosso caso, é Filho de Obaluaê, como também Pai de Obaluaê de sua Filha-de-Santo, por a ter iniciado.



Não perdemos de vista que o terreiro de Pai-Léo era constituído por indivíduos de formações iniciáticas diferentes, que fundiram numa nova unidade místico-religiosa, todos com vistas a um novo processo ritual de reiniciação. Até,

então, viram no Pai-de-Santo a possibilidade de "corrigirem" seus feitos iniciáticos. É necessário saber que todos os efêmeros indivíduos eram oriundos de Terreiros onde, inicialmente, foram iniciados e, que por contradições obscuras, disjuntaram, filiando-se a um outro Terreiro, por interesse e muitas dúvidas.

Em muito já foi observado que a "maioria das ocasiões rituais está ligada ao movimento através de fronteiras de um status social a outro.

Num sentido muito amplo, todos os rituais de transição têm uma estrutura semelhante, composta de três fases:

- separação do seu papel inicial;
 - intervalo de ausência de marcação de tempo social;
 - volta para a sociedade normal agregado ao seu novo papel".
- (Leach, *Ritos de Transição*, pág. 95, 1978).

Estas três fases nos ritos de iniciação Afro-Brasileira serão por nós mostradas da seguinte maneira:

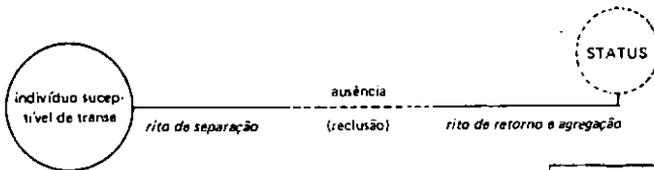


Fig. 2

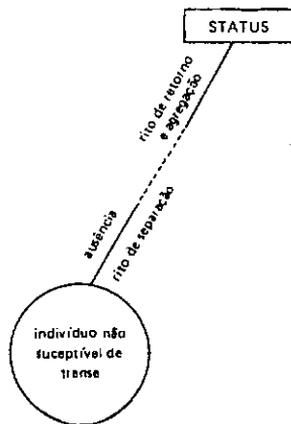


Fig. 1

O diagrama apresentado é, para nós, a forma mais clara de mostrar o modelo da mudança de *status* místico-social nos cultos Afro-Brasileiros. O que nos leva a mostrar também que Lia se enquadraria no processo da figura 1 e foi submetida no da figura dois.

Segundo Goffman, poderemos dizer que Lia inteiramente convencida de que sua representação seria sua verdadeira realidade e seu público corroborava para tanto, convencido, também, desta realidade. Logo, quem, então, poderia levantar, no momento crucial da iniciação, dúvidas sobre a "realidade" do que foi apresentado e representado por Lia? Os deuses? Algumas pessoas descontentes?

É notável o que o mesmo autor diz do indivíduo que não está completamente convencido do seu próprio desempenho. Para Goffman, esta possibilidade é compreensível, pois ninguém está em melhor posição, para observar o número, do que a pessoa que o executa. E segue ele dizendo, ainda, que o executante pode ser levado a dirigir a convicção de seu público apenas como um meio para outros fins. Os meios de que Lia dispunha são óbvios, e quais seriam, então, os fins, dentro, é claro, da teoria goffmaniana? Teria ela agido assim para que "os fins" fossem de levá-la a ser uma Ekedí? Porque, como já vimos, este é um cargo hierárquico exclusivamente feminino, de muito privilégio, que requer da candidata certas características pessoais que não são peculiares à personalidade de Lia.

Se considerarmos Lia consciente de todos os requisitos básicos e necessários para candidatar-se ao referido cargo, e se considerarmos, ainda, que ela invocou uma fraude tão verossímil, como meio para alcançar o seu grande fim, poderíamos, então, responder a esta indagação, abrindo um leque de outras hipóteses, repletas de detalhes.

Neste ínterim, o Pai-de-Santo, desesperado pelo descrédito em que caiu e pelo desmoronamento da mais nova filial de seu Terreiro, retorna a sua cidade natal, voltando para Brasília, meses depois, para viver sozinho, ao lado da única Filha-de-Santo que, como já dissemos, a que compactua de todas as decisões de Pai-Léo, como se, nunca e nada tivesse ocorrido.

Fomos obrigados a abreviar a análise, que por ser um longo caminho, com atalhos matizados de psicologismo, acreditamos poder negligenciar, quando das distinções precisas entre Antropologia e Religião.

Propositadamente, deixaremos a conclusão em aberto. É nossa intenção retomar o caso, quando nos sentirmos com mais segurança na manipulação dos conceitos, das técnicas e métodos antropológicos.

BIBLIOGRAFIA

- AUGRAS, Monique. *O Duplo e a Metamorfose*. Vozes, Rio de Janeiro, 1983.
- CACCIATORE, Olga. *Dicionário de Culto Afro-Brasileiro*. Forense, Rio de Janeiro, 1977.
- DIAS, Ruy. *São Sete Conchas Douradas no Calor de Yemanjá*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- ELBEIN, Juana. *Os Nagô e a Morte*. Rio de Janeiro, Vozes, 1977.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Rio, Vozes de Janeiro, 1975.
- LEACH, Edmund. *Cultura e Comunicação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LEPINE, Claude. *Contribuição ao Estudo de Sistema de Classificação dos Tipos Psicológicos no Candomblé Kétu de Salvador*. São Paulo, USP, 1978 (Tese de Doutorado).
- SERRA, Ordep. *Na Trilha das Crianças: Os erês num Terreiro de Angola*. Brasília, UnB, 1978 (Dissertação de Mestrado).
- STRAUSS, Lévi. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

- VANGENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.
- VAN VELSEN, J. *The Extended-case Method and Situational Analysis*, London. Manchester University Press.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1 Ofertas
- 2 Giz, de forma cônica, em várias cores
- 3 Atos feitos com várias finalidades
- 4 Prática adivinatória através de conchas
- 5 Uma das mais representativas Yalorixás (mãe-de-santo) da nação Angola, falecida em 1976 e que iniciou L. R.
- 6 O mesmo que iniciar.
- 7 Cargo hierárquico exclusivamente feminino — encarregada de cuidar das(os) filhas(os)-de-santo quando entram em transe e também de executar diversos serviços litúrgicos.
- 8 Cerimônias a serem cumpridas para o orixá a quem se vai dar a obrigação.
- 9 Parainfo(a) de um iniciado, pode eventualmente substituir o babalorixá ou a Yalorixá.
- 10 Comida oferecida ao orixá e repartida entre os fiéis e assistentes, em geral em dias de festas e/ou em dias de obrigações.
- 11 Mulher iniciada, encarregada de transmitir os ensinamentos que competem a um (a) iniciando(a). Homem encarregado de tocar atabaques — possui outras modalidades.
- 12 De força mística.
- 13 Desmaio provocado pela proximidade do orixá. Só ocorre com médiuns ainda não-iniciados. Quando, momentos antes do ingresso no claustro, cai-se em transe cataléptico, a expressão iorubá, empregada para significá-la descreve uma pessoa "morta pelo Deus". A candidata inicianda é transportada como num enterro até o ronkó, e renasce (Sena, 1978). É uma maneira do orixá solicitar a sua iniciação.
- 14 Oferenda à cabeça, é a primeira cerimônia do ciclo de iniciação ao culto dos orixás.
- 15 Conjunto de sacrifícios animais, como oferenda ao orixá.
- 16 Festa principal do ciclo iniciático, em que o neófito manifestado pelo Orixá é apresentado publicamente para dar o seu nome pessoal.
- 17 Ruy Dias, *São sete conchas douradas no calor de Iemanjá*, livraria José Olympio Editora, 38, 1975.
- 18 Cabeça.
- 19 Espaço mais reservado de um terreiro de Candomblé, onde são realizados os rituais de iniciação. Literalmente fechado.
- 20 Terreiro do Candomblé.
- 21 Ráfia africana.
- 22 Juana Elhein, *Os Nagô e a morte*, Ed. Vozes, 78, 1977.
- 23 Cânon de uma festa pública celebrada em honra dos orixás.
- 24 Mesa-fria — Cerimônia realizada na manhã posterior ao dia do orunkó, onde toda comida arriada no ronkó, para o orixá iniciado, vem para o bar-

ração, com rezas e cânticos específicos, e também distribuída entre os presentes.

— Apanã — Cerimônia realizada no fim do dia posterior ao dia do orunkó — basicamente é um rito de retorno do iniciado para o seu universo social inicial. O iniciado simula lavar e passar roupa, cozinhar, fazer compras, receber visitas, utilizar ferramentas domésticas e agrícolas, etc.

- 25 É definido, em princípio, como uma entidade independente, mas vários fatores o assimilam ao orixá, em consequência do enlace místico entre o orixá, em consequência do enlace místico entre o orixá e sua iaô (ao pé da letra "esposa" . . . o eré representa o santo em sua divina "infância". (Sena, 1978).
- 26 Monique Augras, *O Duplo e a Metamorfose*, Ed. Vozes, 1983.
- 27 Juana Elbein, *Os Nagô e a Morte*, Ed. Vozes, 1977.
- 28 Claude Lepine, *Contribuição ao Estudo do Sistema de Classificação dos tipos Psicológicos no Candomblé Kitu de Salvador*, USP, 1978.
- 29 Ordep Sena, *"Na Trilha das Crianças: Os erés num Terreiro de Angola"*, Dissertação de Mestrado defendida na UnB em 1978-volume I, pág. 60.